



IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade

V Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade

“CORPOS QUE PODEM”¹: SABERES LOCALIZADOS NA CIÊNCIA E NA ARTE

Eixo Temático 07 – Corpos em criações possíveis: expressões filosóficas, políticas e estéticas

Érica Dias Gomes²

Mayara Juliane Swiech³

Andressa Rodrigues dos Santos⁴

Bettina Heerdt⁵

RESUMO

“Corpos que podem” é uma videoarte produzida por pessoas do grupo de pesquisa COR(PO)DE⁶. Realizamos uma corporificação escrita, com características que expressam nossas subjetividades, e falas a partir de bell hooks. Com a videoarte finalizada, discutimos a questão: de que forma a postura na defesa de um fazer científico localizado reflete na videoarte? Objetivamos descrever o processo criativo que envolve arte, educação e ciência do grupo de pesquisa que busca em diferentes referenciais compreender suas subjetividades, e pensar arte e vida como também entrelaçadas ao fazer científico. Movimentamo-nos teoricamente a partir de Donna Haraway e bell hooks⁷. O processo criativo viabilizou um fazer em busca de uma composição coletiva que reforçasse a construção de conhecimento coletivamente.

Palavras-chave: Grupo de pesquisa; Coletivo de arte, Epistemologias feministas.

¹ A videoarte está disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=k8RjuI74i8Y>.

² Doutoranda em Educação pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Professora do DEART na Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná (UNICENTRO), ericagomes@unicentro.br;

³ Doutoranda em Educação da UEPG, may.yara.swiech@gmail.com;

⁴ Artista visual e Gestora Cultural. Mestra em História pela UNICENTRO, andressa.rds@gmail.com;

⁵ Doutora em Ensino de Ciências, professora adjunta do Departamento de Biologia da UNICENTRO, e dos Programas de Pós-Graduação em Educação (PPGE/UEPG), em Ensino de Ciências e Educação Matemática (PPGECM/UEPG), e em Ensino de Ciências Naturais e Matemática (PPGEN/UNICENTRO); bettinaheerdt@unicentro.br.

⁶ Comunidade Resistente de Pesquisas Outras Desobedientes em Educação e Ensino, Gênero, Sexualidade e Relações Étnico-raciais.

⁷ bell hooks estará grafado intencionalmente em letras minúsculas, em reforço à proposta da própria autora. Gloria Jean Atkins adotou o nome de sua bisavó nos seus livros, e a grafia em minúsculo por um posicionamento político, ao dizer que suas ideias são mais importantes do que a pessoa.



INTRODUÇÃO

O grupo COR(PO)DE realiza pesquisas com base em teorias feministas com perspectiva pós-crítica, opondo-se a ideais de sujeito racional e universal, de causas únicas e universais, de verdades absolutas e de linearidade do conhecimento e da história. As pesquisadoras partem de uma postura corporificada para levantar questionamentos, na busca de verdades provisórias, localizadas e situadas. O grupo se abre para formas outras de expressar ciência, educação e arte, não necessariamente nesta ordem, e o presente trabalho relata uma dessas experiências engajadas, que parte da inquietação de como produzir arte a partir de um coletivo de pesquisadoras feministas de diferentes áreas do conhecimento.

Durante a realização de uma disciplina na pós-graduação, surgiu a ideia de participarmos com a produção coletiva de uma arte para a exposição coletiva “Arte²”⁸. Assim, seis pessoas do grupo produziram videoarte que foi exposta no Centro de Exposições do Campus Santa Cruz da UNICENTRO (PR).

A partir do resultado artístico - a videoarte “Corpos que podem”- levantamos a seguinte questão: de que forma a postura na defesa de um fazer científico localizado reflete na videoarte? Nosso objetivo é descrever o processo criativo que envolve arte, educação e ciência de um grupo de pesquisa que busca a partir de diferentes referenciais entender suas subjetividades, e pensar arte e vida como possibilidade de entrelaçamento ao fazer científico. Os referenciais teóricos que nos movimentaram foram Donna Haraway (1995) e sua ideia de saberes localizados, e bell hooks (2021, 2020, 2013), com a ideia de comunidade de aprendizagem. Esta última foi base para pensar o processo de construção coletiva de conhecimento das pessoas do próprio grupo de pesquisa.

⁸ Exposição coletiva promovida pela Diretoria de Cultura da UNICENTRO desde 2016, com finalidade de democratizar o espaço expositivo e promover a produção artística, em dimensão reduzida (no máximo 12 segundos para obras audiovisuais). Em 2024, a temática da edição foi "Subjetividades: harmonia e dissonância" (UNICENTRO, 2025).



Caminhos da arte, da educação e da ciência

O processo criativo de “Corpos que podem” está localizado entre arte, educação e ciência, e foi realizado levando em consideração que as produções científica e artística podem convergir em práticas de engajamento condizentes com uma postura ética-política na vida.

hooks (2021, 2020, 2013) pensou em comunidade de aprendizagem no âmbito da sala de aula, e expandimos a ideia para o grupo de pesquisa. Na comunidade de aprendizagem, não há hierarquia ou manifestação de dominação, sendo que todas/os estão comprometidas/os com a aprendizagem de forma integral e comprometida, em direção a uma aprendizagem para a liberdade.

Ao considerar que chegamos sozinhas ao grupo e, aos poucos, fomos tomando parte nesse coletivo, pensamos em criar imagens sonoras e visuais que reforçassem esse trajeto. Segundo as normas do edital da exposição, poderíamos submeter até três obras de 12 segundos cada e, assim, a forma foi sendo escolhida: corpos - que - podem. Considerando que todas na comunidade de aprendizagem têm importância e voz, e que o processo de corporificação é fundamental como expressão de saberes localizados, decidimos que todas deveríamos gravar vídeos individuais, em que nossas vozes e corpos aparecem.

Na comunidade pedagógica é fundamental que todas as vozes sejam ouvidas, e que o conflito presente não seja ocultado, mas que seja ponto para diálogo em direção à superação, com respeito à diversidade (hooks, 2021, 2020, 2013). Cada pessoa coleciona histórias únicas vivenciadas, e, com isso, pode-se dizer que o compartilhamento delas permite também o compartilhamento de saberes localizados.

Na ciência, defendemos os saberes localizados enquanto forma de objetividade (Haraway, 1995), o que nos fez pensar na corporificação enquanto meio de vincular nossas narrativas às nossas referências, nossos contextos. A produção científica e, por extensão, a artística, se firmou a partir de um ponto de vista tido como imparcial, sob a pretensão da objetividade. Assim, as disputas de poder no processo de busca da verdade foram omitidas, por trás do ponto de vista daqueles que dominavam essas narrativas, ou



seja, homens brancos do norte global: “Este é o olhar que inscreve miticamente todos os corpos marcados, que possibilita à categoria não marcada alegar ter o poder de ver sem ser vista, de representar, escapando à representação” (Haraway, 1995, p. 18).

Foram gravados, assim, seis vídeos, em que aparecem nossas mãos escrevendo em um papel. A escrita seria uma corporificação feita livremente, com características para expressar nossas subjetividades. Também foram gravados seis áudios, um por pessoa, em que falávamos alguma frase a partir das ideias de bell hooks, com escolha livre. Cada parte possui 15 segundos cada, sendo que, visualmente, a dimensão da individualidade para coletividade foi dada pela divisão em quadros e a sobreposição de vídeos. Sonoramente, foi feita pela sobreposição de vozes e pela seleção de frases realizada.

A corporificação apresentada nas palavras escritas se relacionavam a interseccionalidades de raça (brancas, pardas), gênero (mulheres, mulheres cis, bicha, criança viada), sexualidade (hetero, bi, bicha, lésbica), acessibilidade física (sem deficiências, bípede, corpo com dimensões fora do padrão) e etnia (latina). Houveram três menções à maternidade e uma menção à não-maternidade, o que poderia indicar um desejo específico não realizado, ou ainda um peso social pelo sentimento de inconformidade ao desejo social de ser mãe. A questão social não foi mencionada.

A profissão foi mencionada por todas, bem como complementos de atividades relacionadas a práticas artísticas (nem sempre relacionadas diretamente à profissão): pesquisador(as), professor(a), artistas, bordadeira, poetisa e escritora. Um ponto que chama atenção é que todas apresentaram posicionamentos ético-políticos, em termos como: feministas, transfeministas, anti-racistas, ativista, anti-capitalista, em desconstrução, inconformada. Também aparecem frases como: “Bordadeira sem tempo. Vejo nele uma forma de resistência feminina”, “começa muito, finaliza pouco! O que é finalizar?” e “sou um misto de indignação e esperar, desconfortos e encorajamentos”.

Foram citadas posições ocupadas em relacionamentos interpessoais: filhas, mães, esposa, companheira, irmã(o), “sou um conjunto de muitas histórias, violências e



traumas”⁹. O estado emocional foi citado: ansiosa, com toc, inseguras, potência, fraude, caos, felizes, cansadas. Por fim, podemos citar algumas características pessoais/comportamentais: “tentando ser forte”, “tentando ser livre”, apaixonada, apaixonada por arte e cultura, sensível, ouvinte, afetuosa, debochada, pintosa, bocuda, inconformada, criativa.

Em algumas corporificações, foram utilizados recursos que permitem maior abertura da leitura, ampliando as camadas de interpretação, como o uso de interrogação ou de palavra/frase questionando a veracidade do que acabou de ser escrito; o uso de elementos para dar ênfase a determinadas palavras (tamanho e cor da fonte, grifo, adição de mais vogais), uso de rabisco após escrita de uma palavra, e alteração da palavra de modo a ampliar ou mudar seu sentido (construção - desconstrução; feminista - transfeminista).

Percebemos que, para além de características tidas como estáticas e presentes no corpo (branca, parda, corpo de dimensão fora do padrão), também foram inseridas características que geralmente são percebidas no comportamento (afetuosa, insegura, debochada, feliz) ou na associação a um contexto (mãe, filha, amiga, profissão) , e outras tantas no âmbito considerado para “além do corpo”, ou seja, “invisíveis”, se vistas por uma perspectiva que dicotomiza corpo e mente, natureza e cultura. Todas se posicionaram, no mínimo, com o termo feminista ou transfeminista, ou seja, elegeram como característica importante um aspecto ético-político de posicionamento perante o mundo.

Os elementos da corporificação revelam parte de uma trama complexa que compõe nossa perspectiva parcial, em objetividade feminista que se propõe responsável também pelo que apresenta (Haraway, 1995). Ao declarar determinadas posições que ocupamos, sejam posições privilegiadas ou subjugadas, estruturadas por gênero, raça, classe, sexualidade, entre outras, responsabilizamo-nos pelas nossas práticas, em posicionamento ético-político de luta contra determinados modos de naturalização das verdades. Segundo Haraway (1995), essa objetividade que incorpora as dimensões ética

⁹ A palavra violências foi escrita e, logo após, rabiscada.



e política é que possibilita a racionalidade, e, assim, o conhecimento racional é necessariamente comprometido. O comprometimento foi, assim, estabelecido em diversas dimensões, unindo aparências de um corpo que não se limita à materialidade limitada ao que a pele contém.

Na primeira parte, “corpos”, pensando na individualidade, foram apresentados seis quadros, cada um com o vídeo de uma autora, os tempos dos vídeos foram ajustados para o limite de 15 segundos, com uso de aceleração. Representando o diálogo e a interação, foi inserida a sobreposição de vídeos com transparência, para além dos quadros. Os seis mesmos vídeos foram utilizados, dessa vez com nove quadros, em que três vídeos foram dispostos verticalmente, um em cima do outro, e três vídeos dispostos horizontalmente. Para permitir a visualização de todos, foi inserida a sobreposição, que resultou em diferentes conexões entre as pessoas.

Por fim, em “podem”, utilizamos um único quadro, em que sobrepomos em transparência os seis vídeos, alguns com inversão de imagem horizontal e/ou vertical. A divisão com posterior sobreposição de planos remete às interações e aos compartilhamentos dos saberes localizados, das histórias vivenciadas por cada uma na comunidade. As interações provocadas pela sobreposição, por vezes, confundem a visão, não estando muito nítido os limites entre quem interage, simulando o conflito que pode existir no diálogo.

Quanto à sonoridade, tentamos utilizar analogia que reforçasse as escolhas visuais. A inserção dos seis áudios resultava na impossibilidade de escutar as frases individuais, e as frases individuais em sequência ultrapassaram o tempo planejado. Assim, sobrepomos três vozes em “corpos”, depois três outras vozes em “que”, resultando em uma polifonia que permite a escuta do resultado final, mas também sendo possível escutá-las de uma a uma.

As frases escolhidas foram: “A quem eu escuto? As palavras de quem eu valorizo?”, “A imaginação é uma das formas mais poderosas de resistência. Arte. Criatividade. Arte é resistência”, “Pensar é ação. Educar como prática da liberdade. Descolonizar a mente”, “Descolonizar a mente, o corpo e o saber para mudar o comportamento e criar uma comunidade amorosa”, “Quais são as histórias e as políticas



que ousamos utilizar para escrever o mundo, as pessoas e a ciência?”, e, por fim, “É preciso cultivar a esperança na capacidade que as pessoas têm de mudar”.

Para finalizar a terceira parte sonora do vídeo, optamos por uma solução diferente de sobreposição: a partir de uma única frase, que estabelecemos coletivamente. Ao pensar no título da videoarte, “Corpos que podem” - que é fruto do nome do grupo de pesquisa - chegamos à frase: “Corpo que pensa, corpo que escreve, corpo que cria, corpo que pode”.

O fechamento do vídeo, na parte “podem”, culmina com uma solução para os conflitos dentro da comunidade, em uma arte-vida-ciência que se constitui no todo complexo individual e coletivo do grupo, que, a partir desse processo, busca iniciar uma trajetória enquanto coletivo de arte. As vozes, repetindo uma mesma frase para aqueles corpos que constituem o coletivo afirmam suas potências, no diálogo dessas vivências, dentro da comunidade. Uma frase repetida, cada uma no seu tempo, ressoando pensamentos-ações para uma sociedade em que o respeito às múltiplas vozes prevaleça.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A postura na defesa de um fazer científico localizado reflete na videoarte “Corpos de que podem” em alguns pontos que revelam os posicionamentos comprometidos e engajados, em busca de um fortalecimento coletivo-individual na comunidade.

O saber localizado da videoarte transparece nas corporificações e nos corpos (mãos e vozes) presentes e nas escritas, que são pessoais e localizadas (manuscritas). As frases escolhidas a partir de hooks mostram formas pessoais de nos relacionarmos com conhecimento construído na comunidade de aprendizagem. Houve desdobramento do fazer coletivo no âmbito da educação, da pesquisa e da arte, que não é somente um estar junto, mas produzir junto, cada um dentro das suas afinidades, momentos, subjetividades, tendo em vista que a experiência com arte e com os procedimentos e técnicas utilizados são diferentes.



Por fim, todas estamos atravessadas, em pelo menos um ponto, por condições que nos colocam enquanto “outros corporificados” ou corpos marcados, com consciência da opressão que sofremos, e portanto, o engajamento que nos move é parte da vida cotidiana nos perpassa também em outras dimensões, como na ciência e na arte.

Pensar arte e vida como possibilidade de entrelaçamento ao fazer científico é possível por meio de uma comunidade de aprendizagem. A comunidade que cresce no âmbito do grupo de pesquisa também pode ser pensada para a arte, na forma da consolidação de um coletivo artístico, ou na vida, na forma de rede de apoio. A pesquisa apresenta assim, uma trajetória possível de articulação arte-vida-ciência, podendo ser desdobrada em novas formas de pensar o conhecimento e o ativismo.

REFERÊNCIAS

HARAWAY, D. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Pagu**, n. 5, p. 7-41, 1995.

hooks, b. **Ensinando comunidade**. Uma pedagogia da esperança. São Paulo: Elefante, 2021.

hooks, b. **Ensinando pensamento crítico**. Sabedoria prática. São Paulo: Elefante, 2020.

hooks, b. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

UNICENTRO, 2025. **Arte²**. Disponível em:

<https://www3.unicentro.br/dirc/2024/05/10/arte%c2%b2-abertura-de-edital/>. Acesso em: 16 abr 2025.